

## Transculturalidade entre Fronteiras no Continente Norte-Americano

Prof<sup>a</sup>. Ms. Cristiane MONTARROYOS  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
ane.montarroyos@gmail.com

### Resumo:

*Este trabalho analisa comparativamente os romances *The Tortilla Curtain* (1995), do escritor estadunidense T. C. Boyle, e *Volkswagen Blues* (1984), do escritor quebequense Jacques Poulin, com o objetivo de delinear os recursos linguísticos e literários que tais autores utilizam para representar as fronteiras entre o Canadá, os Estados Unidos e o México.*

**Palavras-chave:** estudo comparativo, fronteira, literatura norte-americana, literatura quebequense.

### 1 Introdução

A representação da fronteira entre Canadá, Estados Unidos e México, nos romances *The Tortilla Curtain*, de T. C. Boyle, e *Volkswagen Blues*, de Jacques Poulin, constitui o cerne da análise literária deste trabalho. Boyle e Poulin fazem recortes diferentes do espaço fronteiriço contemporâneo: em *The Tortilla Curtain*, a fronteira entre os Estados Unidos e o México é caracterizada por uma dualidade que une e separa personagens mexicanos e estadunidenses; em *Volkswagen Blues*, o deslocamento dos personagens, do Canadá (Quebec) até os Estados Unidos (São Francisco), aproxima grupos étnicos como, por exemplo, Jack, personagem quebequense, e Pitsémine, nascida no Quebec, mas de origem indígena.

Assim, por estar entre o Canadá e o México e, apesar de ainda não estar recuperado da crise financeira recente, ser um dos lugares que melhor representa o consumismo capitalista, os Estados Unidos atraem pessoas de vários lugares do mundo, inclusive dos países vizinhos. Diante disso, muitos mexicanos, como retratado no romance de Boyle, veem nesse país uma oportunidade de ascender economicamente, pois impulsionados pelo *American Dream*, eles "acabam por acreditar na 'mensagem' do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os 'bens' e onde as chances de sobrevivência são maiores". (HALL, 2006, p. 81). Em contrapartida, no romance de Poulin, os personagens não desejam nem necessitam emigrar para os Estados Unidos, eles buscam redescobrir a América: por um lado, idealizada por Jack e, por outro, desmitificada por Pitsémine.

### 2 *The Tortilla Curtain* e *Volkswagen Blues*: o espaço fronteiriço

A fronteira assume significados opostos nos textos de T. C. Boyle e Jacques Poulin. No romance *The Tortilla Curtain*, cujo próprio título e construção narrativa representam o espaço fronteiriço mexicano-americano, a fronteira simboliza um obstáculo, tanto geográfico quanto sociocultural:

*Did you know that the U.S. accepted more immigrants last year than all the other countries of the world combined – and that half of them settled in California? And that's legal immigrants, people with skills, money, education. The ones coming in through the Tortilla Curtain down there, those are the ones that are killing us.*

*They're peasants, my friend. No education, no resources, no skills.*<sup>1</sup> (BOYLE, 1995, p. 101)<sup>2</sup>.

Nessa perspectiva, o trecho acima reflete um dos principais conflitos entre os Estados Unidos e o México: a rígida política de imigração estadunidense, que condena imigrantes ilegais. Entretanto, como pode ser percebido ao longo da narrativa, é conivente com o subemprego oferecido a eles. Assim, ao narrar em capítulos alternados o cotidiano dos mexicanos Cândido e América Rincón e dos californianos Delaney e Kyra Mossbacher, Boyle destaca a fronteira geográfica e cultural entre eles. De acordo com Roland Walter:

Nesse romance, a fronteira e seus espaços intersticiais constituem uma zona de guerra onde dois conceitos de cultura e nacionalismo se combatem: por um lado, a noção de cultura e de nação como entidades orgânicas e homogêneas baseadas em identidades étnicas estáticas e ligadas a um território fixo e a uma língua; por outro lado, o conceito de cultura e nação como entidades heterogêneas caracterizadas por fronteiras dinâmicas e permeáveis entre grupos étnicos e diferentes códigos culturais. (WALTER, 2004, p. 210).

Dessa forma, além do limite geográfico, os estrangeiros também precisam transpor as fronteiras socioculturais. Em vista disso, a autora Glória Anzaldúa (1987, prefácio) afirma: “[...] as fronteiras estão fisicamente presentes em todo lugar em que duas ou mais culturas se encontram [...]”<sup>3</sup>. Em contrapartida, em *Volkswagen Blues*, o espaço fronteiro representa um local livre e permeado pelo imaginário aventureiro de Jack e Pitsémine: “*Quelque part au milieu du fleuve, une frontière imaginaire séparerait le Canada et les États-Unis*”<sup>4</sup> (POULIN, 1998, p. 56-7).

Portanto, nesse romance, a fronteira não significa um empecilho na viagem dos personagens quebequenses, pois além de ser caracterizada por ter um controle ínfimo se comparado ao controle militarizado presente na fronteira dos EUA com o México, o propósito dos viajantes não era emigrar para o país vizinho, mas encontrar Théo, irmão de Jack. Diante disso, Jack precisou apenas preencher um formulário e responder a algumas perguntas, mas ainda assim questionou: “– *I don't know why they sent me here [immigration office]. I don't want to emigrate to the United States!*”<sup>5</sup> (POULIN, 1998, p. 98):

Não se pode deixar de explicitar que este romance coloca em evidência a saída dos protagonistas do território quebequense para entrar em terras estadunidenses. Portanto, o espaço do romance é bastante dilatado, pois recobre todo o espaço do Quebec e também o de grande parte dos Estados Unidos. O fato de ultrapassar as fronteiras da província do Quebec corresponde a uma busca de uma identidade definida pelo reconhecimento de suas margens [...]. (RIGOLIN, 2007, p. 36).

Nesse sentido, se, em *The Tortilla Curtain*, o espaço fronteiro EUA-México é caracterizado pela dualidade que une e separa personagens mexicanos e estadunidenses; em *Volkswagen Blues*, o deslocamento entre fronteiras aproxima grupos étnicos diferentes, como o personagem-escritor

<sup>1</sup> Sabe que os Estados Unidos aceitaram mais imigrantes no ano passado do que todos os outros países do mundo **somados**? E que metade deles veio parar na Califórnia? Falo de imigrantes **legais**, gente com dinheiro, profissão, estudo. Os outros, que entram pela Cortina de Tortilha, estão liquidando conosco. São camponeses, meu amigo. Sem instrução nem profissão. (BOYLE, 1998, p. 110).

<sup>2</sup> Todas as traduções de *The Tortilla Curtain* utilizadas neste artigo são de Celso Nogueira, responsável pela versão em Língua Portuguesa do romance, cujo título é *América* (1998).

<sup>3</sup> Todas as demais traduções deste artigo são de responsabilidade da autora.

<sup>4</sup> Em algum lugar no meio do rio, uma fronteira imaginária separa o Canadá e os Estados Unidos.

<sup>5</sup> Eu não sei por quê eles me mandaram aqui [escritório de imigração]. Eu não quero emigrar para os Estados Unidos!

quebequense Jack e a ameríndia Pitsémíne. Além disso, a construção da narrativa remete aos fluxos de deslocamento do romance por meio da relação de palavras que podem ser associadas à água.

Primeiro, o próprio **sobrenome** do personagem, Jack **Waterman**. A escolha desse pseudônimo revela, para a teórica Cristiane M. Rigolin, um ser humano frágil: “Waterman, ou numa interpretação livre, homem água, inconstante, abalável”. (RIGOLIN, 2007, p. 51). Segundo, Jack associa as lembranças da infância com o irmão Théo ao rio situado próximo à casa em que eles moravam, mostrando que a água também funciona como um fluxo de memória:

– Parlez-moi [Pitsémíne] encore de Théo.

*Il se mit à parler de son frère et, presque aussitôt, une vague de souvenirs le ramena dans la grande Maison de bois située au bord de la rivière, non loin de la frontière des États-Unis.*

*[...] Jack parla encore un peu de la rivière. Une grande partie des souvenirs qu’il avait en commun avec son frère étaient associés à cette rivière. Les souvenirs n’avaient pas d’âge précis (Il ne pouvait se rappeler exactement l’année), mais ils étaient toujours liés à une saison et, le plus souvent, c’était l’hiver.<sup>6</sup> (POULIN, 1998, p. 34-36).*

Terceiro, na trajetória entre o Canadá e os Estados Unidos, Jack, sempre que pode, opta por caminhos à margem do rio. Logo, os fluxos das águas ao longo do texto simbolizam a fragilidade, a memória e o deslocamento dos personagens. Diante disso, como podemos perceber, encontramos mais uma divergência importante entre os dois romances: enquanto, em *The Totilla Curtain*, o principal símbolo narrativo é a fronteira que divide a sequência dos capítulos e a vida de personagens estadunidenses e mexicanos; em *Volkswagen Blues*, o fluxo da água, e a própria viagem de Jack e Pitsémíne, representam o símbolo de deslocamento na narrativa.

Ademais, os autores dos romances também utilizam mais um elemento para representar a fronteira em seus textos. Como já foi mencionado, *The Tortilla Curtain*, além de ser o título do romance, também reflete a concepção do autor sobre o espaço fronteiro entre os Estados Unidos e o México. Por outro lado, em *Volkswagen Blues*, cujo próprio título representa o deslocamento na narrativa, pois o Volkswagen é o automóvel que os personagens utilizam para viajar e atravessar os limites do Quebec, Jacques Poulin representa a fronteira como “*Un Endroit Bien Tranquille*”<sup>7</sup>, título do capítulo em que eles chegam à fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos.

### 3 Identidades Transmigratórias

No romance de Jacques Poulin, a fronteira funciona também como espaço para a reconstrução identitária dos personagens Jack e Pitsémíne, tanto numa perspectiva de busca das origens quanto na de transculturação. Ao refazer o percurso de colonizadores e imigrantes, eles buscam redescobrir a América e a eles próprios. Uma vez que as identidades civis dos personagens são indeterminadas:

– Vous vous appelez Jack? Dit-elle en lisant le nom et l’adresse qui figuraient à la droite du texte.

---

<sup>6</sup> Fale-me [Pitsémíne] mais sobre Théo.

Ele começou a falar sobre o seu irmão e, quase imediatamente, uma onda de lembranças o levou de volta ao casarão de madeira, localizado na margem do rio, perto da fronteira dos Estados Unidos.

[...] Jack falou um pouco mais sobre o rio. Uma grande parte das lembranças que ele tinha compartilhado com o seu irmão estava associada a esse rio. As memórias não tinham uma idade específica (ele não conseguia lembrar o ano exato), mas eram sempre associadas a uma estação que era, mais frequentemente, o inverno.

<sup>7</sup> Um lugar muito tranquilo.

– *C'est comme ça que mon frère m'appelait. Quand on était petits, on se donnait des noms anglais et on trouvait que ça faisait beaucoup mieux !*  
– *Moi, les gens m'appellent la Grande Sauterelle. Il paraît que c'est à cause de mes jambes qui sont trop longues.*<sup>8</sup> (POULIN, 1998, p. 13).

Ao usar o pseudônimo Jack, ele assume a identidade do personagem-escritor e oculta seu nome **verdadeiro**, isto é, o que lhe foi dado no ato do nascimento e que remete à sua origem. Assim como Jack, a personagem Pitsémine, seu nome tribal, se identifica como *La Grande Sauterelle* e se apresenta usando o apelido no lugar do nome *Montagnais*. Tais escolhas refletem a questão da identidade cultural:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2006, p. 88).

Outra questão referente à identidade e presente em ambos os romances, mas de maneiras diferentes, é a coexistência de dois idiomas nas narrativas. Nesse sentido, como uma das propostas do romance de Boyle é problematizar a questão migratória e seus efeitos sobre a identidade cultural, o autor coloca personagens mexicanos e estadunidenses frente a frente e apresenta a fronteira linguística:

*It wasn't French he was speaking, that was for sure. And it wasn't Norwegian. The United States didn't share a two-thousand-mile border with France – or with Norway either. The man was Mexican, Hispanic, that's what he was, and he was speaking Spanish, a hot crazed drumroll of a language to which Delaney's four years of high-school French gave him little access.*<sup>9</sup> (BOYLE, 1995, p. 8).

Deste modo, sendo o principal traço constituinte da identidade o idioma, Cândido e América não falam inglês e Delaney e Kyra não falam espanhol, assim, a relação intercultural entre eles enfrenta, entre outras fronteiras, a linguística. Nesse sentido, enquanto na construção da narrativa Boyle utiliza tais idiomas, o mesmo não se pode dizer sobre o contato entre os personagens, pois na tentativa de afirmar e reafirmar, respectivamente, as identidades culturais mexicana e estadunidense, não há conflitos identitários no que diz respeito à origem e ao grupo étnico ao qual pertencem. Porém, ainda assim, Cândido e América desejam assimilar a cultura dos californianos. Ademais, Delaney tem consciência de que “os imigrantes são a força motriz” dos Estados Unidos. Contudo, na obra de Poulin, a relação entre quebequenses e estadunidenses se caracteriza pela convivência cordial entre culturas e idiomas, ambos os personagens falam francês e inglês:

---

<sup>8</sup> - Seu nome é Jack? Perguntou ela ao ler o nome e o endereço que estavam à direita do texto.

- É como o meu irmão me chamava. Quando éramos criança, nos demos nomes Ingleses e achamos que nos representaria muito melhor!

- As pessoas me chamam de a Grande Gafanhota. Aparentemente, é porque as minhas pernas são muito longas.

<sup>9</sup> Não falava francês, certamente. Nem norueguês. Os Estados Unidos não tinham uma fronteira de três mil quilômetros com a França e muito menos com a Noruega. O homem era mexicano, hispânico, isso mesmo, e falava espanhol, uma língua maluca e enrolada à qual seus quatro anos de francês no colégio davam pouco acesso. (BOYLE, 1998, p. 18).

As intervenções em inglês, a partir do momento em que os personagens atravessam a fronteira do Quebec com os Estados Unidos, vêm habitar um texto constituído em francês [...]. Mas essas intervenções não acontecem para causar problema ou estranhamento ao leitor, pelo contrário, os personagens lidam perfeitamente bem com essa interseção, querendo ressaltar a naturalidade do encontro com outras culturas. (RIGOLIN, 2007, p. 25).

Todavia, apesar de conviver pacificamente com o outro, Pitsémine não se relaciona bem consigo mesma, pois não consegue definir sua identidade cultural. Ao viver entre a cultura indígena e a quebequense, a personagem evidencia seu conflito identitário: “– *Je ne suis même pas une vraie Indienne, dit-elle*”.<sup>10</sup> (POULIN, 1998, p. 246). Logo, ao questionar a própria origem e viver no **entre lugar** étnico, torna-se notável o processo transcultural no qual ela está inserida:

Quando criança, ela foi rejeitada tanto por ameríndios quanto por não-ameríndios por causa de sua identidade transcultural. Quando adulta, suas explorações andróginas, nomes adequados (quebequense *versus* ameríndio), e a história dos ameríndios recontada apontam para a sua fascinação pela própria identidade e origem cultural. (VAUTIER, 1994, p. 28).

#### 4 Transculturalidade entre Fronteiras

Estar **entre** um lugar e outro; **entre** uma cultura e outra; **entre** uma fronteira e outra: não ser nem uma coisa nem outra. A constante transição identitária **entre** fronteiras leva à questão transcultural: “[...] *et elle recommença à dire qu’elle n’était ni une Indienne ni une Blanche, qu’elle était quelque chose entre les deux et que, finalement, elle n’était rien du tout*”.<sup>11</sup> Assim, diante do conflito identitário de Pitsémine, Jack afirmou: “*Vous dites que vous êtes « quelque chose entre les deux »... Eh bien, je ne suis pas du tout de votre avis. Je trouve que vous êtes quelque chose de neuf, quelque chose qui commence. Vous êtes quelque chose qui ne s’est encore jamais vu*”.<sup>12</sup> (POULIN, 1998, p. 246-7). Portanto, em *Volkswagen Blues*, o processo transcultural focaliza-se na personagem Pitsémine – *La Grande Sauterelle* – e é exposto a partir do momento em que ela sai do Quebec, tenta compreender sua origem, entra em contato com Jack e descobre-se “*quelque chose entre les deux*”<sup>13</sup>.

Todavia, ao contrário da obra de Poulin, que tanto na forma escrita – francês e inglês – quanto no discurso – conflito identitário de *La Grande Sauterelle* – revela na fronteira Canadá-Estados Unidos um espaço fértil para o processo transcultural; a relação divergente entre mexicanos e estadunidenses ressalta a fronteira numa perspectiva simultânea de unir e, sobretudo, separar, sendo possível observar que, em *The Tortilla Curtain*, o multiculturalismo prevalece, embora a construção narrativa, em inglês e espanhol, sugira um diálogo entre as duas culturas.

#### Conclusão

Nós, como críticos literários, devemos observar além do que o texto nos apresenta como forma, pois é importante, também, que “reconsideremos a representação do relacionamento cultural

<sup>10</sup> – Eu não sou mesmo uma indígena de verdade, disse ela.

<sup>11</sup> [...] e ela começou a dizer que ela não era nem indígena nem branca, mas algo entre os dois e que, no final, ela não era nada.

<sup>12</sup> Você diz que é « algo entre os dois »... Bem, eu não concordo com você. Eu acho que você é algo novo, algo que começa. Você é algo que nunca foi visto.

<sup>13</sup> [...] algo entre os dois.

e identitário e refletamos sobre os caminhos e meios de como analisarmos esta representação”. (WALTER, 2005, p. 152). Portanto, analisamos comparativamente os romances de T. C. Boyle e Jack Poulin, problematizando dois dos espaços fronteiriços mais importantes da contemporaneidade, dentro das Américas: aqueles entre o Canadá, os Estados Unidos e o México. Para tanto, verificamos como eles são retratados nas narrativas, identificamos como os temas fronteira, identidade, multiculturalismo e transculturação são abordados em cada obra e problematizamos suas semelhanças e diferenças.

Nessa perspectiva, um dos pontos que enfatizamos nessa comparação situa-se no fato de que os dois textos questionam o chamado **Multicultural Act**, ato que na teoria garante a convivência pacífica entre diversas culturas por meio do respeito às diferenças étnicas, culturais e sociais; porém, não é colocada em prática no cotidiano de personagens estadunidenses e mexicanos em território norte-americano, ao contrário do que acontece com os personagens canadenses, no mesmo local.

Portanto, em virtude desse retrato sociocultural e histórico, este estudo contribui com a atual discussão literária dentro dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais no que diz respeito à migração e seus efeitos sobre as fronteiras políticas e culturais, às identidades transmigratórias e, concomitantemente, à questão do multiculturalismo e da transculturação.

## Referências Bibliográficas

- 1] ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: the new mestiza*. San Francisco: Spinsters; Aunt Lute, 1987.
- 2] BOYLE, T. Coraghessan. *América*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- 3] \_\_\_\_\_. *The Tortilla Curtain*. New York: Penguin, 1995.
- 4] HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- 5] POULIN, Jacques. *Volkswagen Blues*. Montréal: Leméac, 1998.
- 6] \_\_\_\_\_. *Volkswagen Blues*. Trad. Sheila Fischman. Toronto: Cormorant Books, 2004.
- 7] RIGOLIN, Cristiane Mafalda. *Deslocamento e Alteridade em Volkswagen Blues de Jacques Poulin*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 78 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- 8] VAUTIER, Marie. Postmodern Myth, Post-European History, and the Figure of the Amerindian: François Barcelo, George Bowering, and Jacques Poulin. In: *Canadian Literature: a quarterly of criticism and review*. Vancouver, n. 141, p. 15-33, 1994.
- 9] WALTER, Roland. Rosto Colado: a dança fronteiriça do contraditório processo de significação nos Estados Unidos. In: OLIVEIRA, Marcos Guedes de. [org.]. *Brasil e EUA no Novo Milênio*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2004. p. 209-231.